



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF ÁLVARO FREIRE PEREIRA BATISTA

**A SU COMO SENSOR DE INTLG E VETOR DE OP PSC NAS
OPERAÇÕES DE GLO**

Rio de Janeiro

2019



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF ÁLVARO FREIRE PEREIRA BATISTA

**A SU COMO SENSOR DE INTLG E VETOR DE OP PSC NAS
OPERAÇÕES DE GLO**

Artigo científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a Pós-Graduação *lato sensu* em Ciências Militares

Rio de Janeiro

2019



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Inf ÁLVARO FREIRE PEREIRA BATISTA**

Título: **A SU COMO SENSOR DE INTLG E VETOR DE OP PSC NAS OPERAÇÕES DE GLO.**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

| Membro | Menção Atribuída |
|---|-------------------------|
| JOBEL SANSEVERINO JUNIOR - Maj Cmt Curso e Presidente da Comissão | |
| EDVALDO NUNES NASCIMENTO JÚNIOR- Maj 1º Membro e Orientador | |
| GEDILSON SILVA DA SILVA - Cap 2º Membro | |

ÁLVARO FREIRE PEREIRA BATISTA – Cap
Aluno

A SU COMO SENSOR DE INTLG E VETOR DE OP PSC NAS OPERAÇÕES DE GLO

Álvaro Freire Pereira Batista*

Edvaldo Nunes Nascimento Júnior**

RESUMO

O Exército tem participado de diversas operações de garantia da lei e da ordem (Op GLO) nos últimos anos. Essas operações se dão em um ambiente complexo e difuso, em áreas altamente humanizadas. Os meios atuais de tecnologia da informação e comunicações permitem que as ações de uma tropa sejam transmitidas em tempo real para o mundo. Neste contexto, o presente trabalho aborda a necessidade da tropa atuar adequadamente, como sensor de inteligência (Intlg) e vetor de operações psicológicas (Op Psc). O trabalho busca abordar alguns conceitos relativos às Op GLO, Intlg e Op Psc. Foram investigadas formas de uma SU atuar, contribuindo com a mitigação dos níveis de incerteza e complexidade do ambiente operacional próprio das Op GLO. Finalmente, é feita uma análise sobre o objeto de estudo do trabalho, concluindo sobre a melhor forma de uma SU atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em Op GLO.

PALAVRAS-CHAVE: operações de GLO, Inteligência, Operações psicológicas, subunidade.

ABSTRACT

In the last years, Brazilian Army has been deployed in many law and order guarantee operations (GLO). These operations occur in a complex and diffuse environment. Nowadays, information and communication technology assets can broadcast for the whole world, actions carried by troops. Within the context, this work addresses look into the need of a troop act properly as an intelligence collectors, and as a Psychological Operations vector. Also, this work addresses to cover some concepts about GLO Operations, intelligence and Psychological Operations. Was looked into ways to a company act, contributing to the mitigation of operational environments uncertainty and complexity levels owned by GLO operations. Finally, was did an analyses about the theme, concluding what the best form to a company act as an intelligence collectors, and as a Psychological Operations vector in GLO operations.

KEY WORDS: Law and order guarantee operations, Intelligence, Psychological Operations, company.

*Capitão da arma de infantaria. Bacharel em Ciências militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2009.

**Major da arma de infantaria. Bacharel em Ciências militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005. Pós-graduado em Ciências militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2014.

1. INTRODUÇÃO

O novo conceito operativo do Exército, baseado no amplo espectro dos conflitos, prevê a atuação da força em operações de guerra e não guerra. Dentre as operações de não-guerra¹, destacam-se as operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Operações que naturalmente se desenvolvem em ambientes extremamente humanizados e complexos.

Antes ainda da consolidação do novo conceito operativo do Exército, a força já vinha atuando sistematicamente em operações de GLO.

Segundo o manual de operações de GLO, essas operações possuem como características, a descentralização das ações, decorrente da necessidade de presença da tropa em toda área, para atender o princípio da dissuasão e a complexidade situacional, advinda da dificuldade em se identificar e definir ameaças, da multiplicidade de vetores e da dificuldade de coordenação de diversos atores com interesses distintos. (BRASIL, 2018).

Em suas considerações iniciais, a mesma publicação traz o conceito de que a opinião pública é um fator interferente nas operações militares (BRASIL, 2018, p. 1-1). Além disso, elenca como princípio de emprego das operações de GLO a busca do apoio da população, assim descrito:

(...) a atitude correta e a boa comunicação entre os integrantes do componente militar e os habitantes locais são essenciais para assegurar o apoio da população. O conhecimento e o entendimento cultural são pré-requisitos em todos os níveis de planejamento e execução das operações. A conquista de corações e mentes é primordial para o sucesso das Op GLO, e, para tal, o grau de satisfação da população é um excelente indicador para mensurar o êxito nessas operações. (BRASIL, 2018. grifo nosso)

Para fazer frente aos desafios impostos pelas características das Op GLO como ameaças difusas e atores múltiplos, buscar a conquista de corações e mentes,

¹ Não-guerra: situação na qual o poder militar é empregado de forma limitada, no âmbito interno e externo, sem que envolva o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais. Normalmente, o poder militar será empregado em ambiente interagências, podendo não exercer o papel principal (BRASIL).

e diminuir o grau de incerteza do ambiente operacional, a tropa deve possuir capacidades de atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc.

1.1 PROBLEMA

As operações de garantia da lei e da ordem, ocorrem via de regra, em ambientes altamente humanizados. O incremento no acesso à informação e a rapidez na difusão de mensagens, com o advento por exemplo do telefone celular, as ações desenvolvidas no nível tático, podem repercutir nos níveis mais altos, inclusive o político. Nesse contexto os desafios que se apresentam diante das forças militares são cada vez mais complexos.

Isso significa dizer que as forças militares deverão dispor de militares capazes de tomar decisões e atuar de maneira adequada em níveis hierárquicos cada vez mais baixos.

Sobre isso Kevin D. Stringer, ao referir-se sobre a atuação das forças militares estadunidenses em operações militares afirmou que:

As forças militares dos EUA presumem que os oficiais de carreira arcarão, com base em seu nível de educação e papéis hierárquicos, com a maior parte das interações interculturais e interagências nas operações de estabilidade e de contrainsurgência atuais e futuras. Essa hipótese está errada porque a era do “cabo estratégico” chegou. (STRINGER, 2010, p. 1)

Alessandro Visacro traduz o conceito de “cabo estratégico²” e conclui:

os cabos estratégicos devem ser soldados capazes de simultaneamente aplicar o poder de combate com eficácia e precisão, conquistar ao apoio da população e legitimar o poder central. O “cabo estratégico” deve atuar não só como aplicador do poder de combate, mas como sensores de inteligência e vetores de Op Psc. (VISACRO, 2018)

Para BORÉ, “líderes efetivos de pequenas frações devem pensar como coletores de inteligência humana, operadores de contrapropaganda, agentes de organizações não governamentais e negociadores.”

Como visto, o apoio da população e a disponibilidade de dados mais completos possível acerca do ambiente operacional são primordiais para o êxito de operações de GLO. A conquista e manutenção do apoio da população e a obtenção de dados

² Conceito elaborado pelo General Charles Krulak.

que mitigam a complexidade do ambiente operacional em uma operação deve ser um esforço de todo o componente militar.

As tropas especializadas em Intlg e para atuação no terreno humano³ são recursos limitados. A Intlg não possui a abrangência e a capilaridade que a tropa alcança nas operações. As Op Psc por sua vez, não conseguem por si só os efeitos pretendidos na conquista do terreno humano, sem que a tropa atue de uma maneira convergente para a obtenção do apoio da população.

É consenso entre vários estudiosos a necessidade de os exércitos dispuserem de combatentes adequados à era do “cabo-estratégico”. Entretanto, o que se percebe é que ainda falta à tropa a adequada capacitação para atuar como sensores de Intlg e vetores de Op Psc.

Para a análise do problema, foram formulados os seguintes questionamentos:

Atualmente a SU possui as capacidades requeridas para atuar como sensor de inteligência e sensor de Op Psc? Quais seriam as tarefas a realizar e como a SU poderia melhor atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em Op GLO?

1.2 OBJETIVOS

Esta pesquisa pretende, examinar como a SU pode atuar como sensor de inteligência e vetor de Op Psc, contribuindo com a manobra informacional e com a consciência situacional nas operações de GLO.

A fim de alcançar o objetivo geral de estudo, os seguintes objetivos específicos foram formulados, para compreender de forma lógica e coerente a elaboração do trabalho:

- a. Apresentar alguns conceitos e fundamentos sobre as operações de garantia da lei e da ordem;
- b. Analisar a forma com que exércitos de outros países têm se adequado à necessidade de a tropa estar capacitada para atuar como vetores de Op Psc e sensores de inteligência através da inteligência sócio-cultural;

³ Elemento do ambiente operacional que abrange os fatores culturais, sociológicos, políticos e econômicos da população local” (EUA, 2008, p. 3, tradução livre)

- c. Analisar como a SU pode proporcionar condições para a tropa atuar como sensor e vetor de Op Psc;
- d. Propor possíveis ações para o incremento na capacidade de uma SU atuar colaborando com a coleta de dados (sensor de Intlg) e com a conquista do terreno humano (vetor de Op Psc).

1.3 HIPÓTESES

Para atingir o objetivo proposto, e de acordo com a situação-problema descrita anteriormente, foram levantadas as seguintes hipóteses:

H₁ - a SU já atua como sensor de Intlg e pode atuar como e vetor de Op Psc nas operações de GLO contribuindo com a obtenção do apoio da população.

H₂ - a SU não atua adequadamente, mas pode atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc nas operações de GLO contribuindo na coleta de dados e na obtenção do apoio da população.

H₃ - a SU não pode atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc nas operações de GLO uma vez que essas tarefas são especializadas.

1.4 JUSTIFICATIVAS

O crescente emprego do Exército Brasileiro em operações de GLO, justifica a busca de aprimoramento da forma de atuação da Força frente aos novos desafios do ambiente operacional moderno.

Em ambiente urbano, e em um contexto onde um cidadão com um dispositivo eletrônico pode transmitir para o mundo, em tempo real, ações realizadas pela tropa, a forma como essa tropa atua pode ter consequências estratégicas ou até mesmo políticas. Seja positivamente ou negativamente.

Como visto anteriormente, de acordo com o manual de Op GLO, BRASIL (2018), "a conquista de corações e mentes é primordial para o sucesso de tais operações". Portanto, há que se envidar todos os esforços possíveis nesse sentido.

Da mesma maneira, a descentralização das ações em Op em GLO se por um lado trazem um grande aumento de demanda por Intlg, por outro possibilitam a a utilização dessa descentralização para obter maior capilaridade e maior acesso aos dados.

Diante do exposto, a tropa deve então, estar em condições de coletar dados de interesse, não somente dados relativos ao terreno e forças adversas, mas dados relativos às considerações civis. Além disso a tropa deve estar em condições de projetar uma imagem positiva, visando obter o apoio da população. Investigar a melhor maneira de se realizar tais tarefas é de suma importância para a Força Terrestre.

2. METODOLOGIA

Assim, o delineamento desta pesquisa contemplou levantamentos documentais e bibliográficos, bem como, foram realizadas entrevistas e questionários com especialistas em operações psicológicas e inteligência, além de militares que participaram de Operações de GLO em função de comando ou Estado-Maior.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizou-se a pesquisa qualitativa, por meio da pesquisa bibliográfica e quantitativa por transformar em números opiniões levantadas em questionários. Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade exploratória, devido ao pouco conhecimento disponível, principalmente escrito, sobre o tema.

2.1. REVISÃO DE LITERATURA

O estudo bibliográfico buscou inicialmente contextualizar o trabalho, com conceitos básicos sobre os objeto de estudo, a saber, operações de garantia da lei e da ordem, operações psicológicas e inteligência. Foram pesquisados e estudados autores e trabalhos sobre inteligência sócio-cultural, operações no amplo-espectro e sobre operações importantes de GLO realizadas pelo EB.

Também foram considerados neste trabalho para a revisão de literatura conceitos como operações de não-guerra, operações de paz e conflitos de baixa intensidade por possuírem pontos de contato em suas características com as operações de GLO que são conceitualmente uma operação de não guerra.

Para a revisão de literatura foram utilizadas como palavras-chave:

- Operações Psicológicas;
- GLO;
- Inteligência socio-cultural;
- Adestramento⁴ cultural;
- Subunidade⁵
- HUMINT⁶

Além de pesquisas em sítios na internet de literaturas que abordassem temas relativos às palavras chaves, também foram consultados para a contextualização do trabalho, manuais de campanha.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados e manuais em português e idioma estrangeiro, relacionados ao emprego das operações psicológicas em operações militares.
- Estudos e manuais sobre operações de GLO
- Estudos e manuais sobre a atividade de inteligência militar

b. Critério de exclusão

Estudos não relacionados aos temas elencados acima ou que quando relacionados se refiram a escalões superiores ao escalão SU.

⁴ ADESTRAMENTO . (EB) Atividade final da instrução militar na tropa, que objetiva a formação dos diversos agrupamentos de homens, com equipamentos e armamentos (pequenas frações, frações, subunidades, unidades e grandes unidades), para a eventualidade de emprego, como instrumento de combate. (BRASIL)

⁵ SUBUNIDADE - Grupamento de elementos combatentes ou de serviços, de valor companhia, esquadrão, bateria, esquadrilha etc.

⁶ Inteligência de fontes humanas

2.1.1 Pesquisa bibliográfica

Para os conceitos gerais e delineamento da pesquisa foram pesquisados os manuais EB20-MF-10.102: Doutrina Militar Terrestre; EB20-MF-10.103: Operações; o EB70-MC-10.242: Operações de garantia da lei e da ordem; e o EB70-MC-10.230: Operações Psicológicas.

Já no aprofundamento dos dados foram analisadas as IP 31-23 "O Batalhão de Operações Psicológicas (B Op Psc) e, os manuais EB20-MF-10.107:, EB20-MF-10.207 (INTELIGÊNCIA MILITAR TERRESTRE), EB20-MF-10.307(Planejamento e Emprego da Inteligência Militar) e produto de análises pós ação compiladas pelo COTER⁷ em um caderno de lições aprendidas.

Após a realização de uma apanhado sobre conceitos básicos de nossa doutrina, foram analisados estudos que tratam da importância do adestramento da tropa em aspectos culturais e para fazer frente aos novos desafios. A maior parte desses trabalhos são literatura estrangeira uma vez que ainda não existem muitos estudos sobre o assunto na literatura nacional.

2.1.2 Operações de Garantia da Lei e da Ordem

Conforme o novo conceito operativo do Exército e segundo a definição do manual de Operações de GLO:

As Op GLO são operações militares de coordenação e cooperação de agências (CCA), realizadas no contexto específico da missão constitucional da garantia da lei e da ordem, conforme o artigo 142 da Constituição Federal de 1988 (CF/88), podendo ser desenvolvidas em ambiente rural ou urbano. (BRASIL, 2018)

O manual de GLO traz como características das Op GLO as ações descentralizadas e a complexidade situacional assim definidas:

ações descentralizadas: em virtude da assimetria das ameaças e da frequente necessidade de assumir as funções básicas do Estado, as forças militares devem estar presentes na maior parte da área de responsabilidade

⁷ COTER - Comando de Operações Terrestres

(AR). A descentralização das ações ocorre em virtude da necessidade de presença da tropa em toda a área de garantia da lei e da ordem (A GLO), atendendo ao princípio da dissuasão. Complexidade situacional – a dificuldade em se identificar e definir ameaças (concretas ou potenciais), a multiplicidade de vetores (civis e militares) e a dificuldade de coordenação de diversos atores com interesses diferentes requerem detalhada consciência situacional. (BRASIL, 2018, p. 2-1)

O mesmo manual de e da importância do apoio da população e de aspectos do terreno humano nas operações militares, neste caso específico, nas operações de GLO.

2.1.3 Operações Psicológicas

Ainda em um apanhado conceitual, o manual de Operações Psicológicas assim define atividade de Op Psc:

(...) são procedimentos técnico-especializados sistematizados, aplicáveis desde o tempo de paz, com o objetivo de motivar públicos amigos, neutros ou hostis a manifestarem comportamentos desejáveis, com o intuito final de apoiar a conquista de objetivos estabelecidos. (BRASIL, 2017)

Segundo as IP 31-23 "O Batalhão de Operações Psicológicas (B Op Psc) é a Unidade que apóia em Op Psc as ações militares da Força Terrestre (F Ter) ou Comando Conjunto". O emprego do batalhão se dá por intermédio de Destacamentos de Operações Psicológicas (Dst Op Psc), especialmente organizados para a missão e de Equipes de Ligação de Op Psc (Eqp Lig Op Psc). (BRASIL, 2018).

O manual de Op Psc prevê o emprego de elementos de tropas não especializadas em apoio às Op Psc, resguardando a necessidade de preparação da tropa para esse fim. O mesmo manual considera para as Op Psc como riscos intrínsecos "aqueles decorrentes dos comportamentos proativos ou reativos de nossas forças, os quais afetam a dinâmica dos conflitos em um ambiente operacional." Esse risco intrínseco pode ser mitigado pela preparação da tropa.

São elencadas algumas das tarefas comuns a serem executadas pelos DOP como a realização de estudos dos públicos presentes na área de operações e

disseminar produtos de operações psicológicas. Tarefas essas, que podem ser apoiadas por elementos não especializados, seja na coleta de dados para a realização dos estudos, seja na disseminação de produtos de Op Psc.

2.1.4 Inteligência

Ao tratar da inteligência de fontes humanas (HUMINT), o manual EB20-MF-10.107 Inteligência Militar Terrestre assim caracteriza.

Fonte HUMINT é a pessoa de quem se obtém a informação para posterior produção de conhecimento de Inteligência. Essas fontes podem ser amigas, neutras ou hostis, podendo ser prisioneiro de guerra, refugiado, deslocado, população local, forças próprias ou amigas e membros de instituições governamentais ou organizações de qualquer tipo. De igual maneira, a fonte pode ter a informação de primeira ou segunda mão, geralmente obtida de forma visual ou oral. (BRASIL, 2015).

No Exército Brasileiro, a Companhia de Sensores de Fontes Humanas do Batalhão de Inteligência Militar (BIM) é a responsável por coordenar e gerenciar as atividades de HUMINT no nível tático.

Por outro lado, o manual “Inteligência Militar Terrestre” (BRASIL, 2015) preconiza que “todo integrante da Força Terrestre é um sensor que pode e deve levantar dados e informações e que, para tanto, contribui com o esforço de produção de conhecimento inteligência de Fontes humanas (HUMINT).” Além disso, o mesmo manual afirma ser conveniente que a tropa, ou algumas de suas frações, seja instruída em técnicas HUMINT básicas para auxiliar na obtenção de dados.

2.1.5 Lições aprendidas

O caderno de lições aprendidas 1/2016 do Comando de Operações Terrestres (COTER) elencou como lição aprendida das Operações de GLO a pertinência de um militar de uma patrulha ser designado como responsável por auxiliar na formação de vínculos junto à população local e que este também esteja focado em levantar os

elementos essenciais de informação (EEI⁸). Sugeriu-se que fosse escolhido um militar por suas características individuais e que esse recebesse instruções que o melhor capacitasse para a tarefa.

Outra lição aprendida é a utilização de câmera portátil pelas patrulhas visando resguardar a ação da tropa contra acusações falsas de má conduta e conferir legitimidade aos militares envolvidos (p.28).

2.1.6 A importância do “cabo-estratégico”

Charles Krulac em seu artigo "The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War" (1999) ("O cabo estratégico: Liderança na guerra em três blocos" em tradução livre) traz lições de operações na Somália e outras missões, inclusive de operações de não guerra, nas quais os resultados dependeram de decisões tomadas por líderes de pequenas frações. Nessas situações, segundo o autor, os líderes de pequenas frações, sejam comandantes de grupos de combate (GC) ou comandantes de esquadra eram os maiores representantes da política externa norte-americana nas circunstâncias e locais em que operavam. Suas ações tinham um alcance maior que a situação tática que lidavam, mas também alcançavam os níveis operacional e estratégico.

Em seu trabalho "*COMPLEX OPERATIONS IN AFRICA: Operational Culture Training in the French Military*"⁹, Boré (2009) aborda a importância do conhecimento de aspectos culturais por militares até os níveis hierárquicos mais baixos. O autor também afirma que os líderes de pequenas frações devam ser aptos a atuarem como sensores de inteligência humana e operadores de contrapropaganda.

B Worth, em seu artigo "*The use of socio-cultural intelligence and cultural skills in support of our mission requirements is a fundamental part of our day-to-day*"¹⁰

⁸ EEI - Elementos essenciais de inteligência - Tópico de informação ou de informe sobre as características da área de operações ou sobre a possibilidade do inimigo, que o comandante julga necessitar, em um determinado momento, para correlacioná-los com outros conhecimentos disponíveis, a fim de tomar uma decisão que lhe permita o cumprimento da missão.(BRASIL)

⁹ Operações complexas na África: Treinamento em cultura operacional nas forças militares francesas - (tradução nossa)

¹⁰ O uso da inteligência sócio-cultural e de conhecimentos da cultura em apoio às necessidades de nossa missão é parte fundamental de nosso dia a dia. (tradução nossa)

afirma que o ambiente operacional contemporâneo exige que militares de todos os níveis devem possuir algum conhecimento sobre aspectos culturais não sendo mais suficiente que apenas alguns poucos militares com conhecimentos e habilidades em unidades específicas tenham tal conhecimento.

Em seu estudo "As Operações Psicológicas contra as forças adversas: O Emprego sistemático nas operações de apoio aos órgãos governamentais" Lima (2017) analisou as operações de pacificação na Maré e no complexo do Alemão e da Penha. Nas soluções práticas o autor conclui:

"a tropa possui papel fundamental no combate as forças adversas em todos os ambientes. Não basta todos os atores presentes estarem imbuídos da sua missão, se a tropa não estiver, a missão será um fracasso." (LIMA, Luis Tavares, 2017)

O Exército dos Estados Unidos ao tratar sobre HUMINT, Field Manual (FM) 34-1 consideram em sua doutrina que a disciplina HUMINT é a mais importante na maioria de operações de não guerra.

Em operações em ambientes urbanos há uma maior necessidade de HUMINT uma vez que essas operações se desenvolvem em ambientes humanizados. A doutrina norte-americana prevê a necessidade de que os sensores HUMINT estejam presentes nos menores escalões, como pode se observar no manual FM 2-22.3:

"Unidades são normalmente organizadas com unidades extras de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição (IRVA) e recursos extras para obterem dados detalhados requeridos em operações urbanas. A complexidade do ambiente urbano causa degradação na capacidade de diversos sistemas de sensores. A HUMINT deve estar direcionada nos mais baixos escalões de combate." (USA, 2006 p. 3-8, tradução nossa)

Segundo Wright, DAVID (2003) A doutrina do Exército estadunidense prevê a existência de operadores secundários de HUMINT. Assim como no Brasil, nos EUA a atividade HUMINT é realizada a priori exclusivamente por militares especializados. Entretanto verificou-se que outros militares acabavam eventualmente coletando informações importantes e que muitas vezes estavam sendo buscadas por equipes de HUMINT, gerando sobreposição de esforços. Considerou-se então a tarefa de operador secundário de HUMINT, que são aqueles militares que têm como missão secundária a coleta de inteligência, que acaba sendo um subproduto de suas atividades normais.

Analisando as Operações de Paz, WRIGHT elenca como um dos coletores secundários de HUMINT a própria tropa de operações de paz, especificamente os comandantes. "Dentro dos esforços de apoiar as ações de cooperação civil-militar (CIMIC) ou assuntos civis, comandantes de brigada, batalhão e companhia se ligam a autoridades e lideranças civis e forças de segurança locais." (Wright, DAVID, 2003)

Para WRIGHT, a atuação de operadores secundários de HUMINT na coleta de dados que não requeiram o treinamento de coletores primários de inteligência desoneram esses para que foquem esforços em fontes de maior importância.

MONTENEGRO (2011) ex-comandante de batalhão nas Op Arcanjo (Complexo do Alemão) afirma que a preparação ideal para uma operação com as características próprias de uma Op de pacificação, devem enfatizar instruções que incluam negociação, cultura da micro-região, emprego de tecnologias não letais, regras de engajamento, direito prático, abordagem com verbalização, inteligência operacional, dentre outros assuntos.

2.2 COLETA DE DADOS

Para o embasamento teórico do assunto e a busca de conhecimentos já produzidos acerca do assunto foi realizado a pesquisa bibliográfica.

2.2.1 Questionários

Foram realizados dois questionários. O primeiro questionário destinou-se ao universo de militares possuidores ou do curso de operações psicológicas ou do cursos de inteligência ou ainda de ambos. O segundo questionário foi endereçado a oficiais que exerceram cargo de comando ou de oficial de estado maior em três operações com características de Op GLO, embora nem sempre estivessem sob um decreto de GLO. A saber as Op de pacificação no Alemão e na Maré, por terem como característica um contato permanente com a população e as Op Furacão.

Partindo-se das hipóteses elencadas buscou-se indagar aos participantes, questionamentos que contribuíssem com confirmar ou refutar as hipóteses

elencadas e também coletar percepções que contribuíssem com a formulação de uma proposta de solução para o problema apresentado.

Os questionários foram realizados de maneira indireta, por meio de plataforma de formulários on-line. 47 militares do primeiro universo e 62 do segundo apresentaram respostas aos questionamentos.

Apesar da amostra não permitir a representação da opinião desses grupos com grau de certeza estatístico, tal fato não inviabiliza a pesquisa. A especialização e/ou experiência da amostra nos proporciona um bom indicador para concluir acerca do objeto de estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como verificamos, Krulack afirmou que em operações descentralizadas, os líderes de pequenas frações até o nível esquadra são a representação da política externa de um país, no caso referindo-se a operações internacionais. Analogamente podemos dizer que em Op GLO, o militar na ponta da linha é a representação do Exército Brasileiro, mais além ainda, a representação do Estado Brasileiro para aquele morador de área vulnerável ou até mesmo, com os novos meios de tecnologia da informação e comunicações, para a opinião pública nacional.

A experiência de Exércitos experimentados em conflitos e a nossa própria experiência demonstram que a tropa deve possuir treinamento em inteligência e inteligência sócio-cultural. A educação e treinamento desse militar requerem tempo e recursos, entretanto é fator de sucesso para os exércitos modernos.

Tais exércitos têm investido no adestramento cultural de suas frações e na capacitação de líderes nos menores escalões para que tenham a habilidade de interagir com a população da área de operações de modo a ganhar a sua confiança, evitando conflitos e obtendo dados que facilitem o desenrolar das operações.

A experiência do Exército Brasileiro nos complexos da Maré e do Alemão mostraram que aquelas tropas que tinham uma melhor capacidade de perceberem as nuances nos aspectos dos costumes locais, da micro-cultura, souberam melhor manter a estabilidade do ambiente e suas área de responsabilidade.

Nas operações de pacificação, os comandantes de SU realizavam reuniões e lidavam diariamente com lideranças locais em suas área de responsabilidades, podendo ser portanto importantes vetores de ideias-força e coletores de dados de interesse para a Intlg.

Atuar de maneira descentralizada em um ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo, requer que os líderes de pequenas frações, até mesmo no nível esquadra estejam aptos a se portarem como representantes do Estado no local e circunstância que a situação requerer.

Como podemos constatar na revisão da literatura, a educação e treinamento para a formação do "cabo estratégico" é fator crucial para o sucesso de operações militares que ocorram no contexto da "era da informação". Essa é a ênfase que os exércitos experimentados em conflitos têm dado para fazer face à complexidade do ambiente operacional.

3.1 Resultados dos questionários

Afim de seguir um encadeamento lógico, inicialmente vamos verificar os resultados da amostra de especialistas em Op Psc e Intlg, e posteriormente os resultados relativos `amostra de militares participantes de algumas Op GLO.

3.1.1 Viabilidade de a SU atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc

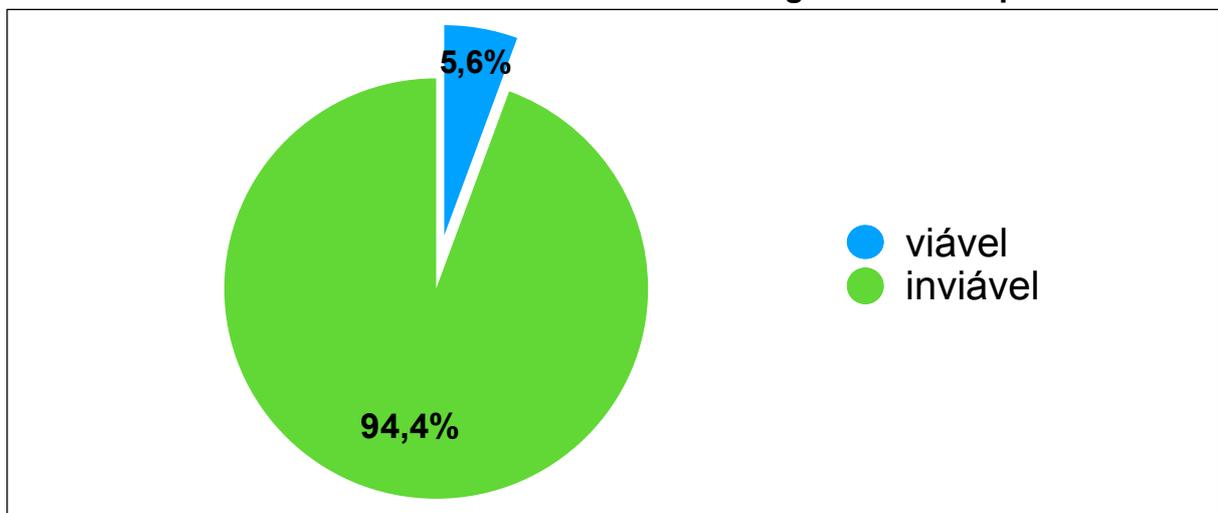


GRÁFICO 1 – Opinião da amostra: viabilidade de a SU atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc.
Fonte: O autor

O primeiro questionário, voltado aos especialistas confirmou as percepções obtidas por meio da pesquisa bibliográfica. Sobre a necessidade e viabilidade de a tropa, sob coordenação da SU atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em apoio aos esforços de coleta de informações e de busca do apoio da população em Op GLO, 94,4% consideram ser necessário e viável.

3.1.2 Atuação da SU como sensor de Intlg e vetor de Op Psc



GRÁFICO 2 – Opinião da amostra, sobre atuação da SU como sensor de Intlg e vetor de Op Psc.
Fonte: O autor

Questionados se consideram que as SU já atuam satisfatoriamente com sensor de Intlg e vetor de Op Psc, se obteve os seguintes resultados: 78,4% da amostra consideram que a tropa não atua satisfatoriamente como sensor de Intlg, ou como vetor de Op Psc ou ambas as tarefas em Op GLO, enquanto que 21,6% consideraram que a tropa desempenha essas tarefas de maneira satisfatória.

3.1.2 Melhor forma de uma SU atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em Op GLO

Na opinião dos especialistas questionados sobre a forma de melhor atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em Op GLO foram considerados: melhor adestramento em inteligência sócio-cultural e capacitação da tropa na coleta de dados com 84 menções, 41 consideraram viável designar militares ou equipes nas

pequenas frações para a coleta de dados e interação com a população. 2 consideram a tropa realizando a disseminação de produtos de Op Psc e um especialista sugeriu um melhor estabelecimento dos EEI (elementos essenciais de inteligência) sejam melhor estabelecidos.

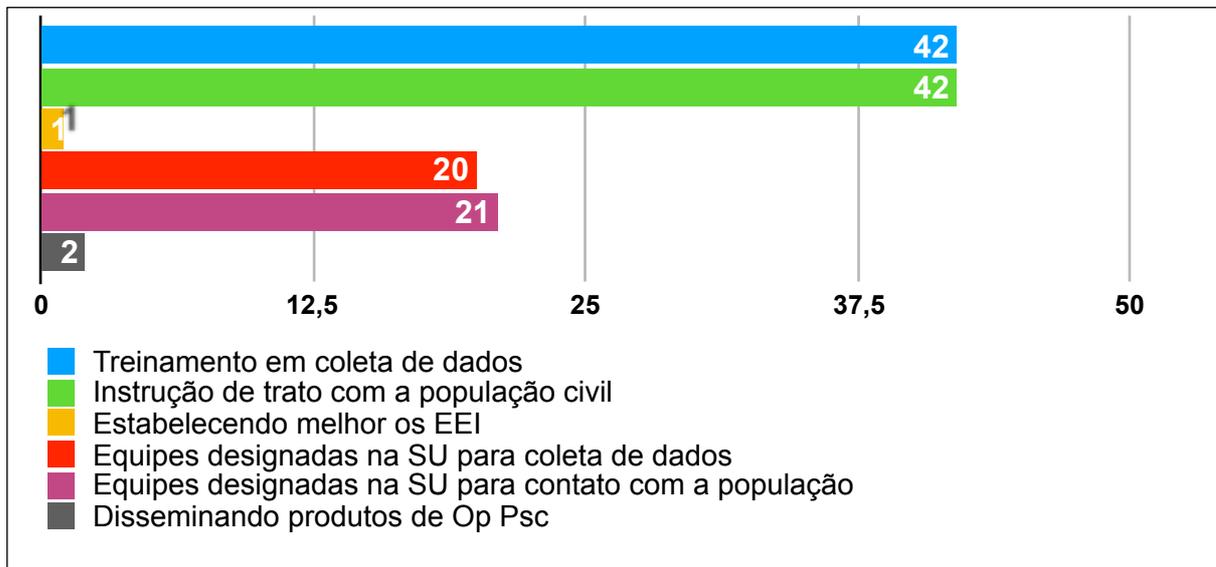


GRÁFICO 3 – Opinião da amostra, sobre a melhor forma de atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em Op GLO.

Fonte: O autor

Os entrevistados podiam escolher mais de uma forma de atuação e também sugerir outras não previstas no questionário.

Verifica-se que boa parte dos entrevistados consideraram que o adestramento e a capacitação da tropa é o melhor caminho para atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc em Op GLO. Saber lidar com a população é por si só uma ferramenta de projeção de imagem positiva da força. A capacitação para a coleta de dados, por sua vez, incrementa a capacidade de inteligência da Força.

3.1.3 Militares participantes de Op GLO.

O segundo questionário abrangeu participantes de operações com características de Op GLO, ainda que por vezes não estivessem sob um decreto de GLO. Da amostra 50% participaram da Op São Francisco (Maré) e 50% participaram das Op Furacão que coincidiram com o período da intervenção federal no Rio de Janeiro, 40% participaram de ambas.

Com relação à função desempenhada nas missões, podendo ser mais de uma, 44,4% exerceram a função de comandante de pelotão, 22,2% de comandante de SU, 11,1% de oficial de Estado-maior e 22,2% outras funções.

Dessa amostra, 50,74% afirmou ter havido nenhum tipo de instrução prévia ao emprego sobre trato com a população civil para sua tropa. Quanto à preparação para coleta de dados de interesse para a Intlg, 62,5% afirmaram que tiveram instruções nesse sentido anteriormente ao emprego.

Quanto à existência de algum militar responsável na SU pela coleta de dados e pelas considerações civis, apenas 12,5% relataram existir essa função em sua tropa.

A totalidade dos entrevistados desta amostra considerou que a postura da tropa perante a população é determinante para o sucesso ou insucesso em uma Op GLO.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado na revisão da literatura e coerente com a doutrina vigente, pode se concluir que nas Operações de GLO, e na era da informação, a tropa deve ter capacidades que não se restrinjam ao cumprimento das missões táticas e à dimensão física do ambiente operacional.

Conforme observado na literatura, e de acordo com a opinião de especialistas, a SU poderá desempenhar algumas tarefas que apoiem as tropas especializadas em Intlg e Op Psc. A realização de ações cívico-sociais, conduzidas por uma SU possibilitam ao mesmo tempo coletar dados e estabelecer vínculos com a população local. Outra forma de apoiar a atividade de Op Psc, precedido de uma breve capacitação, é a disseminação de produtos de Op Psc.

Cabe entretanto, ressaltar que a melhor forma de uma SU atuar como vetor de Op Psc e sensor de Intlg nas Op GLO está na adequada capacitação e treinamento da tropa.

A conduta do militar, do comandante de grupo e do comandante de esquadra na ponta da linha é um dos mais importantes meios de propagação de uma imagem positiva da Força para a conquista do apoio da população.

Da mesma forma, uma tropa convenientemente preparada, adestrada e capacitada a realizar a coleta dos dados não-negados, multiplicam a capacidade de Intlg de uma força de GLO.

Infelizmente, os militares de menor grau hierárquico são geralmente oriundos de classes mais baixas, que invariavelmente possuem grau de escolaridade aquém do desejável. Paradoxalmente, são esses militares que representarão o Estado brasileiro em um cenário complexo e difuso característico das Op GLO.

Como soluções práticas, sugere-se que a seleção de militares conscritos seja cada vez mais criteriosa, e principalmente, a seleção e formação dos cabos, que geralmente ocorrem sob responsabilidade das SU.

A utilização de câmeras nas patrulhas além de conferir respaldo e legitimidade à ação da tropa podem captar ações positivas da tropa que podem ser utilizadas pelas Op Psc ou comunicação social.

O capitão como comandante de SU deve zelar pela preparação de sua tropa para dispor de "cabos-estratégicos" eficientes. Os sargentos comandantes de GC e os cabos comandantes de esquadra devem estar cômnicos de sua importância estratégica nas Op GLO. A formação o adestramento e principalmente a preparação pré-emprego de sua tropa não pode prescindir de instruções sobre cultura, trato com a população civil, negociação, inteligência, regras de engajamento, direito prático e outras julgadas importantes, de acordo com a missão.

As Op GLO geralmente iniciam de certa forma de maneira repentina. Essa característica não possibilita uma preparação pré-emprego adequada. Por esse motivo, a tropa deve ser constantemente orientada nesse sentido, em todas as oportunidades, nos exercícios simulados e nas instruções práticas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. COTER. **Caderno de lições aprendidas**. ed 1/2016. Centro de Doutrina do Exército, COTER. Brasília, DF, 2016.
- BRASIL. Estado-Maior. **EB20-MF-10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF, 2014c.
- _____. _____. **EB20-MF-10.103: Operações**. 4. ed. Brasília, DF, 2014d.
- _____. _____. **EB20-MF-10.107: Inteligência Militar Terrestre**. 2. ed. Brasília, DF, 2015a.
- _____. _____. **EB20-MF-10.207: Inteligência**. 1. ed. Brasília, DF, 2015a.
- _____. _____. **EB70-MC-10.242: Operações de garantia da lei e da ordem** 1. ed. Brasília, DF, 2018.
- _____. _____. **EB20-MC-10.230: Operações psicológicas**. 1. ed. Brasília, DF, 2017.
- _____. EMCFA. **MD35-G-01: GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS**. 5. ed. Brasília, DF, 2015.
- BORÉ, Colonel Henri (Exército francês). **“Complex Operations in Africa: Operational Culture Training in the French Military,”** Military Review, (March- April 2009), pp. 65-71.
- KRULAC, Charles C. **The strategic corporal: Leadership in the three block war** <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a399413.pdf>. 1999
- LIMA, Luís Tavares. **As Operações Psicológicas contra as forças adversas: O Emprego sistemático nas operações de apoio aos órgãos governamentais**. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, EsAO, Rio de Janeiro, 2017.
- MONTENEGRO, Fernando. **O papel estratégico dos cabos nas operações de pacificação**. Revista Diálogo, Revista profissional do Comando Sul dos Estados Unidos, disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt/articles/o-papel-estrategico-dos-cabos-nas-operacoes-de-pacificacao>, 2012.
- STRINGER, Kevin. **Formação do Cabo Para o Desempenho de Atividades Estratégicas (“O Cabo Estratégico”): Uma Mudança de Paradigma**. Revista Military Review, Revista Profissional do Exército dos EUA, p. 2-12, jan./fev. 2010.
- USA. Department of the Army. **Intelligence and Electronic Warfare Operations, Washington, DC, 1994**.
- _____. _____. **Human Intelligence Collector Operations, Washington, DC, 2006**.
- VISACRO, Alessandro. **“A guerra na era da informação”** 1. Ed. Editora Contexto, São Paulo, 2018

WORTH, B. **The use of socio-cultural intelligence and cultural skills in support of our mission requirements is a fundamental part of our day-to-day.** Revista NCO, Revista Profissional do Exército dos EUA, p. 1-5, jun. 2018.
. 1. ed. Brasília, DF, 2015c.

WRIGHT, David. **HOW CAN THE UNITED STATES ARMY IMPROVE HUMAN INTELLIGENCE IN PEACE OPERATIONS?** Master of Military Art and science thesis approval page. Fort Leavenworth, Kansas, 2003.

SOLUÇÕES PRÁTICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2019

Título do Trabalho: A SU COMO SENSOR DE INTLG E VETOR DE OP PSC NAS OPERAÇÕES DE GLO

Autor: CAP INF ÁLVARO FREIRE PEREIRA BATISTA

Ano: 2019

Como pôde se concluir, a instrução e adestramento da SU são de fundamental importância para a atuação com sensor de Intlg e vetor de Op Psc.

Como solução prática, sugere-se a Inclusão nos programas padrão de qualificação em GLO de instruções de trato com a população civil e técnicas de coleta de dados como observação memorização e descrição (OMD) (Vide anexo).

Instruções de reunião com lideranças para os quadros na CTTEP.

Sugere-se que sempre antes de ser empregado em uma operação, a tropa receba instruções sobre aspectos culturais específicos da população da área onde for operar a cargo do Cmt de SU.

Anexo A - Solução prática: Exemplo de instrução para PPO/GLO

| | |
|--|--|
| 5. OPERAÇÕES TIPO POLÍCIA NA GARANTIA DA LEI E DA ORDEM - GLO | TEMPO ESTIMADO: DIURNO: 24 h NOTURNO: 8 h |
|--|--|

| (OII) OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO | | | ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO | |
|--|---|---|---|--|
| TAREFA | CONDIÇÃO | PADRÃO MÍNIMO | SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS | ASSUNTOS |
| Q-1xx | <p>Serão criados incidentes onde haverá em um quadro de patrulhamento, moradores, comerciantes, deficientes que não estejam em atitude suspeita em ambiente urbano.</p> | <p>Demonstrar, na execução de um patrulhamento atitude amigável frente à população da área</p> <p>Estabelecer contato com comerciantes e moradores locais.</p> <p>Colaborar com um cidadão em situação de dificuldade, sem que implique em comprometimento da segurança e do cumprimento da missão.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Descrever a importância do trato com a população para o apoio da mesma - Citar as melhores práticas no trato com a população | <p>x) Procedimentos no trato com a população civil</p> |
| Q-1xx | <p>Serão apresentadas as técnicas de observação memorização e descrição e em seguida apresentada uma situação em que o instruendo identificará aspectos importantes. (pista ou vídeo)</p> | <p>Saber relatar a atitude da população perante a tropa.</p> <p>Identificar alterações relevantes no ambiente (comércio fechado, fixações, construção de estruturas como seteiras, pontos de observação etc)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as técnicas básicas de OMD - Aplicar a observação memorização e descrição | <p>x) Observação memorização e descrição</p> |

Obs: Este é apenas um exemplo e uma sugestão. Não foi objeto de estudo deste trabalho a grade de instrução adequada para a instrução e adestramento de uma SU afim de capacitá-la a atuar como sensor de Intlg e vetor de Op Psc.